

Revista

FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Resenha

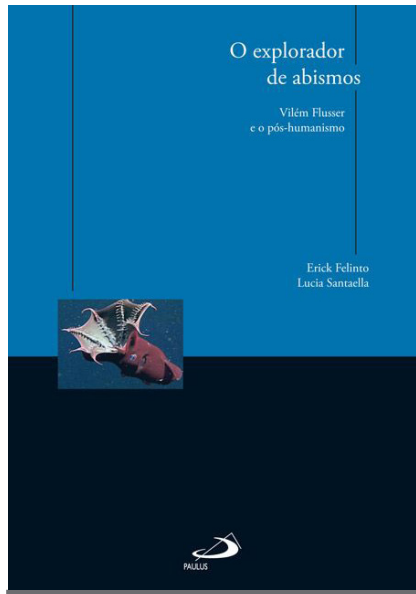
O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo

Abyss explorer: Vilém Flusser and the post-humanism

ADALBERTO MÜLLER

Professor da Universidade Federal Fluminense – UFF.

<adalbertomuller@gmail.com>



FELINTO, Erick; SANTAELLA, Lucia.

O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo.

São Paulo: Paulus, 2012.

“*E*s sind noch lieder zu singen / jenseits der Menschen.” “Há ainda canções a se cantar / para além do humano.” O poeta judeu romeno Paul Celan – cujos pais foram assassinados a tiro pelos nazistas em 1941, e que insistiu em escrever na língua dos assassinos – assim expressou, num de seus poemas curtos, a sua esperança em uma poesia capaz de cantar ainda, apesar de Auschwitz (e contra o ditame de Adorno de que a poesia seria barbárie depois de Auschwitz), alguma forma de sobrevivência. Paul Celan era leitor de Martin Heidegger, e da *Carta sobre o Humanismo*. O que Celan e Heidegger tinham em comum, a princípio, era uma desconfiança de que a humanidade já se havia desumanizado suficientemente com

a “fabricação de cadáveres” (*Fabrikation von Leichen*), tal como Heidegger descreve os campos de aniquilação (*Vernichtungslaggern*). Para Heidegger, como para Celan, a poesia, “casa do Ser”, poderia por em questão um mundo cada vez mais dependente da técnica. Numa entrevista a Marko Pajevic (Po&sie n. 94), Celan observava que “Cada poema é um anticomputador, mesmo aqueles que são escritos ao computador”.

Bem ou mal, tanto Heidegger quanto Celan, em diferentes proporções e com diferentes procedimentos, entenderam que a crise do homem estava diretamente ligada aos processos tecnológicos e industriais. Não era uma crise “de dentro” apenas, mas era também e, sobretudo, produto da transferência da racionalidade (Heidegger diria, da Metafísica) ao domínio do “ente”, ou seja, das máquinas, sistemas e processos industriais e de “serviços”. Heidegger considerava que, por ser metafísica, a essência das tecnologias não era “nada técnica”, e teria que ser pensada em seus pressupostos. No entanto, Peter Sloterdijk, em *Regeln für den Menschenpark (Regras para o parque humano)*, criticaria duramente o “humanismo” subjacente de Heidegger, que não apenas manteria viva a dicotomia “homem × animal”, esquecendo-se do animal que habita na “casa da linguagem” juntamente com o homem, mas também da cultura midiático-tecnológica que se desenvolvera para além do universo da escrita.

Em *O explorador de abismos*, Erick Felinto e Lucia Santaella examinam de maneira percuciente essa crise do humano e do humanismo, que daria surgimento a vários pós-humanismos. O plural é importante, pois, como esclarecem os autores, não existe um pós-humanismo apenas, mas múltiplas tendências e formas de pensar o declínio do humanismo clássico. Como todas as noções e conceitos de “pós” que circulam nos diferentes canais do pensamento contemporâneo, o termo pós-humanismo pode, a princípio, dar a impressão de uma adesão apressada e acrítica ao mundo tecnológico de dispositivos digitais da nossa época. Daí viria uma crítica ao pós-humanismo, que, segundo os autores, resumia-se “a entender o pós-humanismo

como expressão de uma vontade de potência tecnológica, dedicada à expansão da vida humana e à superação de seus limites por meio da tecnologia” (p. 9). Ao contrário, não apenas é a relação homem/tecnologia que está na discussão do pós-humanismo, mas “o assim chamado Homem” (*der sogennante Mensch*), que Friedrich Kittler vai “desconstruir” na gigantesca arqueologia tecno-midiática que é *Film, Grammophone, Typewriter*. Também o pensamento que questiona a relação do homem com o animal – o “animal que logo sou”, de Jacques Derrida, também analisado pelos autores – põe em causa o humanismo clássico; também uma nova ontologia dos objetos (incluindo-se os tecnológicos, evidentemente) e das redes, na esteira do pensamento de Bruno Latour e do realismo especulativo conduzem o humanismo a uma situação de aporia. Por fim, a cibernética e seus desdobramentos filosóficos e culturais (como a cibercultura) levariam a repensar o tipo de sujeito construído pelo pensamento humanista.

Ora, no centro de todas essas questões, move-se o pensamento de Vilém Flusser, tal como a criatura por ele descrita no livro *Vampyroteuthis infernalis* se move pelos abismos submarinos. Antípoda do homem, tanto por sua organização corporal quanto pelo habitat em que vive, essa lula-vampiro-do-inferno leva Flusser a pensar se não é exatamente a partir do mais anti-humano que se poderia pensar o humano. “É ele que habita todas as nossas profundidades, e nós habitamos ele. E esse encontro de si próprio no outro extremo do mundo é o derradeiro propósito de todas as explorações humanas. Porque, “no fundo”, o único tema do homem é o homem” (p. 121). Esse manuscrito, que Erick Felinto recupera do Arquivo Flusser (em Berlim), é uma das muitas joias que o leitor encontrará em *O explorador de abismos*. Aliás, o livro reflete bem a forma de trabalho e de pensamento de Lúcia Santaella e Erick Felinto, cuja trajetória transdisciplinar e híbrida se mostra extremamente rica para lidar com assuntos de tanta complexidade. Por isso, este livro, certamente, expande suas preocupações para

muito além do campo da comunicação, e dialoga em alto nível com o pensamento contemporâneo.

A meu ver, um dos desafios mais importantes de *O explorador de abismos* é justamente o de *situar* Flusser em relação ao pensamento contemporâneo. Tarefa que, sabemos, é árdua e ingrata, pois, o filósofo tcheco-brasileiro se autodenominou um *bodenlos*, sem terra, desterrado. Sabemos que a sua forma única e premonitória de pensar, a fundo, a relação do homem com a tecnologia, e com um mundo cada vez mais regido por sistemas e códigos, incluía uma forma peculiar de falar e escrever: Flusser citava poucos autores, tinha formação meio autodidata, e navegava por assuntos muito diversos (filosofia da linguagem, cibernética, fenomenologia, teoria da mídia, teoria da comunicação, arte, história das ciências, teologia). Felizmente, para nós, por ter aqui vivido trinta anos, deixou parte importante de sua obra em português. No entanto, a parte mais significativa sobre teoria da mídia (discutida por Felinto e Santaella) está em alemão, e ainda pouco traduzida aqui, como os volumes *Medienkultur* e *Kommunikologie/Kommunikologie Weiter Denken*.

Por *situar* o pensamento de Flusser, quero dizer não apenas “contextualizar historicamente”, de forma didática, mas antes e sobretudo pô-lo em situação de dialogar com a cibernética, o realismo especulativo, o pensamento sobre a animalidade, e a questão do pós-humanismo. O *legado* do pensamento de Flusser para as gerações futuras é enorme, e é justamente isso que Felinto e Santaella vêm comprovar com esse livro, que também se torna essencial para quem se aventura pelo mundo flusseriano.

Judeu como Paul Celan, Flusser teve que emigrar, deixando para trás o rastro da destruição provocada por uma cultura perversa, que se valeu também da racionalidade gerada pelo humanismo tecnológico e tecnocrático da modernidade. Mas, como o anjo de Klee, descrito por Walter Benjamin, sabe olhar para trás e para frente, simultaneamente. Sabe descortinar o horror, mas também vislumbra o futuro sem

medo (em que pese o fato de que Celan tenha se suicidado, o que não invalida o alcance futuro de sua obra poética). Para Flusser, o futuro passa por uma profunda revisão do chão humanista que gerou, ao mesmo tempo, a catástrofe e a esperança. E não apenas o chão, já que, como o título do livro em questão enuncia, Flusser transforma o pensamento em mergulho, põe o pensamento em condições hiperbáricas, para, no fundo dos abismos, revelar o mal que vige “nos crespos do homem”, como diria Guimarães Rosa.